31 MAR 1995

A organização da escola

ANA GALHEIGO

O grande desafio do final desse século, segundo Touraine, está em combinar as diversidades culturais com o universalismo da razão e dos direitos humanos. Diz o autor que a sociedade moderna não está mais preocupada com o futuro, tentando transformar A em B, ao contrário, preocupa-se em como juntar A e B.

Este processo é vivido na escola no currículo e, sobretudo, na relação burocrática que a escola estabelece com o aluno. É papel da escola passar o conhecimento universal, evitando que a sociedade se torne uma grande Babel. Não se pode esquecer, entretanto, do que é peculiar a cada indivíduo e a cada cultura. Como combinar, na justa medida, o que é universal com o que é específico? Como a escola pode ultrapassar sua relação burocrática e contribuir para a construção de uma sociedade mais fraterna e o mais equânime possível?

Um ponto de partida pode estar na revisão do currículo. A escola, de um modo geral, tem uma tendência autoritária, que leva à homogeneização. Ela se caracteriza pela utilização de um só currículo, de uma só metodologia e de livros didáticos que contribuem muito para que a escola pasteurize o conhecimento, em vez de despertar a curiosidade e o respeito pelo diverso, seja na natureza ou entre os seres humanos.

O currículo universal deveria ter como objetivo manter a coesão social e facilitar o cotidiano do cidadão. Nesse sentido ele deveria se basear na comunicação, na difusão de valores e no desenvolvimento de habilidades que tornem o dia-a-dia mais fácil e mais feliz. Esta parte do currículo é a espinha dorsal na construção do conhecimento a que chamamos de currículo mínimo.

O currículo mínimo, para ser rico e profundo, deve despertar o desejo da busca do conhecimento: o aprender a aprender. Deve, também, progressivamente incorporar o que é peculiar de cada indivíduo e de cada cultura, ao que é peculiar à Humanidade. É assim que a escola pode contribuir para a formação dos direitos humanos, para a construção de uma sociedade mais fraterna e mais justa.

Touraine nos diz que não há um modelo de sociedade ideal a ser perseguido: "todos os utopistas que tinham um modelo ideal a oferecer quase sempre foram os maiores obstáculos à construção de uma sociedade melhor". Nesse sentido, este processo deve ser vivenciado na escola a cada dia quando o universal é construído a partir do reconhecimento e da aceitação do que é específico.

Quando um menino é aceito com a sua linguagem, com seu jeito de ser, com seus talentos, torna-se mais fácil que ele se abra para o coletivo. É criando espaços para o desenvolvimento dos talentos de cada um e da expressão do seu grupo cultural que se constrói a identidade. Não há construção do coletivo sem construção da identidade.

A escola precisa repensar a sua dinâmica. Ela padroniza o que não deve padronizar e deixa de padronizar o que precisa ser padronizado. A organização da escola em turmas únicas, as aulas coletivas sem expressão individual do aluno, a seriação anual rígida, o livro didático pasteurizado são características de burocratização de um modelo esgotado, responsável pela cultura da reprovação. Não adianta, porém, maquiar esta realidade, fazer de conta que ela não existe e tentar resolver aprovando automaticamente.

> *"O currículo mínimo deve despertar o desejo da busca do conhecimento"*

É necessário padronizar e hierarquizar, segundo o grau de dificuldades, os objetivos e os conteúdos do currículo mínimo necessários a todos para a construção da cidadania. Aí cabe um sistema de avaliação nacional.

Mas é preciso, também, trazer para a escola o debate sobre novas teorias como a das "inteligências múltiplas", de Howard Gardner, que define inteligência como a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais. Ele identificou sete tipos de inteligências, embora admita que possa haver outras. São elas: a lingüística — inteligência dos poetas e escritores; a lógico-matemática — inteligência dos cientistas e matemáticos; a espacial — inteligência dos artistas plásticos, dos arquitetos; a musical — inteligência dos músicos; a cinestésica — inteligência dos atletas e bailarinos; a interpessoal — inteligência dos professores, dos vendedores e dos líderes; e a intrapessoal, a inteligência de lidar consigo mesmo com eficácia, exteriorizando-se através de outras inteligências. Para este psicólogo o ser humano dispõe de graus variados de cada uma dessas inteligências e pode combiná-las e organizá-las de forma pessoal para criar produtos e resolver problemas. A História está recheada de exemplos de gênios que foram condenados pela escola e muitas vezes classificados como idiotas porque não se encaixavam em um padrão preconcebido para a maioria.

É com o reconhecimento dos seus talentos que o aluno desenvolve sua autoconfiança e busca a motivação necessária para lançar-se em desafios em outras áreas da inteligência onde precisa chegar mais junto dos outros. A escola tem que se organizar de sorte a garantir o avanço coletivo, progressivo, sem contudo deixar de abrir espaço para outras formas de organização que combine, aglutine e desenvolva talentos.

Preparar para a vida não é apenas desenvolver o raciocínio lógico e verbal, mas possibilitar, através da expressão individual, uma convivência fraterna.

Como foi dito: não é preciso transformar A em B. É preciso, sim, criar condições de conviver A com B. Está aí a gênese de uma democracia pluralista e, quem sabe, a saída para a questão do desemprego que assola o mundo ou, ainda, uma divisão mais justa das riquezas do planeta.

O nosso país é suficientemente criativo para dar um salto de qualidade, queimando etapas, para encontrar o seu jeito próprio de combinar a formação do cidadão capaz de competir numa economia globalizada com a humanização do conhecimento necessária a uma convivência solidária.

Ana Galheigo é subsecretária estadual de Educação.